

# A CONCEPÇÃO DE AMOROSIDADE NA PEDAGOGIA PROPOSTA POR PAULO FREIRE<sup>1</sup>

Joelma Oliveira de Jesus<sup>2</sup>

## RESUMO

A proposta deste artigo visa discutir a concepção de amorosidade presente no pensamento pedagógico de Paulo Freire, tendo como referência os textos registrados em sua obra *Cartas à Cristina: reflexões sobre minha vida e minha prática* (2020). Além dessas narrativas, a pesquisa realizou um conjunto de entrevistas com educadoras da modalidade de Educação de Jovens e Adultos, do município de São Francisco do Conde-BA, com vistas a coletar junto às educadoras, percepções sobre a importância do tema da amorosidade na pedagogia proposta por Freire. De acordo com as análises e os relatos apresentados neste trabalho, concluímos que educar com amorosidade é possibilitar condições participativas e dialógicas de ensino e aprendizagem, por meio das quais, alunos e professores possam intercambiar conhecimentos como uma experiência de liberdade, reconhecendo e assumindo seu papel no mundo, por meio da reflexão, da palavra e da ação.

**Palavras-chave:** educação de jovens e adultos - São Francisco do Conde (BA); Freire, Paulo, 1921-1997 - crítica e interpretação; professores de educação de jovens e adultos - São Francisco do Conde (BA) - formação.

## ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the concept of lovingness present in Paulo Freire's pedagogical thinking, with reference to the texts recorded in his work *Letters to Cristina: reflections on my life and my practice* (2020). In addition to these narratives, the research carried out a set of interviews with educators from the Youth and Adult Education modality, in the municipality of São Francisco do Conde-BA, with a view to collecting, together with the educators, perceptions about the importance of the theme of lovingness in pedagogy. proposed by Freire. According to the analyzes and reports presented in this work, we conclude that educating with love is to enable participatory and dialogical teaching and learning conditions, through which students and teachers can exchange knowledge as an experience of freedom, recognizing and assuming their role in the world, through reflection, word and deed.

**Keywords:** Freire, Paulo, 1921-1997 - criticism and interpretation; youth and adult education - São Francisco do Conde (BA); youth and adult education teachers - São Francisco do Conde (BA) - training.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado à Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Garcia Basso.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia na UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo visa discutir a concepção de amorosidade presente no pensamento pedagógico de Paulo Freire, tendo como referência principal, sua obra *Cartas à Cristina: reflexões sobre minha vida e minha prática* (2020). Nas palavras de Paulo Freire a “educação é um ato de amor”, onde homens e mulheres reconhecem-se como seres inacabados e, portanto, passíveis de aprender, sendo que “não há diálogo [...] se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo” (FREIRE, 1996 p. 79, 80).

Meu interesse sobre o tema deste estudo foi se desenhando, em face do meu encanto inicial com o pensamento do educador Paulo Freire, bem como, sobre a minha descoberta nos seus escritos da educação como um direito e a alfabetização como uma via de acesso à cidadania. Em minhas experiências formativas no curso de graduação em Pedagogia, o contato com a pedagogia proposta por Freire, me mobilizou, sobretudo quanto à perspectiva dialógica do seu pensamento, que me provocava a uma leitura mais atenta dos relatos presentes em sua obra, *Cartas à Cristina: reflexões sobre minha vida e minha prática* (2020).

Para a realização deste estudo, foi preciso imergir em outros textos de Freire e de alguns educadores que com ele conviveram e que escreveram sobre sua trajetória, que articulados às concepções teóricas das emoções, fui descobrindo caminhos para vislumbrar aspectos da sua concepção de amorosidade, tão relevante ao entendimento do seu pensamento pedagógico. Todavia, foi fundamental situar as experiências do autor, ao longo do seu percurso de vida, para compreender um pouco melhor, a pedagogia proposta por ele.

Segundo Maturana (2002), a emoção integra um domínio de ações nas quais nos movemos, sendo capaz de permear, influenciar e interferir nas relações humanas, pois são dinâmicas e fluidas. Sendo assim, cada emoção exerce um papel importante para as ações.

Para Maturana e Varela (1995), a emoção que fundamenta o social é o amor, pois ela permite aceitação do outro como legítimo outro na convivência. Aproximando novamente o humano racional do “ser biológico” emocional que também o habita. Com isso eles afirmam que sem amor, sem aceitação do outro ao nosso lado, não há socialização, e, portanto, não há humanidade, pois destrói o processo biológico que o gera. O amor está na base, na origem do ser humano e constitui o nosso ser.

Outros autores, a exemplo de Maturana (2002), Morin (1979) e May (1973), corroboram tal posição ao afirmarem que a capacidade afetiva amorosa exerceu forte influência na evolução

da espécie. De modo que a afetividade se torna um elemento essencial em qualquer fase da vida, se manifestando em todos os momentos e em todas as relações sociais. O amor é à emoção central da história evolutiva, determinando o modo de viver hominídeo e a origem da espécie.

Morin (1979), qualifica o processo de hominização, como aquele que fortaleceu os elos entre mães e filhos, homens e mulheres, proporcionando ao adulto o desenvolvimento de algumas aptidões até então infantis, principalmente, as relacionadas à capacidade de amar e se apegar ao outro.

A construção do real vai acontecendo, por meio de informações e desafios sobre as coisas do mundo, mas o aspecto afetivo nessa construção continua muito presente. A construção afetiva e cognitiva acontece no primeiro ano de vida, sendo que a afetiva está mais ligada às manifestações fisiológicas, construindo o ponto de partida do psiquismo (NASCIMENTO; PRATTI, 2011, p.12).

As relações de vínculo afetivo fortalecem os laços, e ao imergir em Freire, encontramos o sinônimo de amorosidade na fé “no outro”, ou seja, a crença absoluta de que todas as pessoas, em sua humildade e simplicidade, possuem uma significativa sabedoria de como lidar com a vida, o que as guiará numa busca por ser mais.

Nessa perspectiva, este estudo buscará apreender, quais os significados presentes na obra selecionada, que apontem sentidos na pedagogia proposta por Paulo Freire? Além disso, coletar junto às educadoras da modalidade de Jovens e Adultos entrevistados, percepções sobre a importância do tema da amorosidade em suas práticas docentes?

Para tanto, este artigo está estruturado em três partes, a primeira apresenta traços do percurso de vida e formação de Paulo Freire, bem como da sua trajetória como educador e pensador. A segunda, aborda aspectos relacionados à pedagogia proposta por Freire, com foco no tema da amorosidade presente em sua obra *Cartas à Cristina: reflexões sobre minha vida e minha prática* (2020). A parte final do texto, traz análises e comentários recolhidos nas entrevistas realizadas com seis educadoras de jovens e adultos, no município de São Francisco do Conde-BA, com vistas a abordar as suas impressões sobre a concepção de amorosidade no legado pedagógico deixado pelo educador brasileiro.

## **2 A TRAJETÓRIA DE PAULO FREIRE E SUA PEDAGOGIA**

Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) é um dos mais importantes intelectuais e educadores do século XX, mais conhecido como Paulo Freire, ele acabou se consolidando como

um dos mais expressivos pensadores do nosso tempo. Nasceu em Recife, em 19 de setembro de 1921, sua experiência na capital pernambucana fora fundamental na formulação do seu pensamento educacional. Ele foi o criador de uma autêntica teoria do conhecimento e autor de cerca de 40 obras, traduzidas em mais de 20 idiomas. Poucos educadores foram tão influentes e estudados como Paulo Freire, que se dedicou, ao longo da vida, à reflexão sobre a escola e a educação.<sup>3</sup>

Iniciou sua vida estudantil, numa pequena escola na casa da própria professora Eunice Vasconcelos. Ao completar 10 anos de idade, mudou-se com sua família para a cidade de Jaboatão, cidade de Pernambuco. Seu pai faleceu em 1934, quando o pequeno Paulo contava com apenas treze anos de idade. As condições financeiras da família, após a morte de seu pai se agravaram, trazendo dificuldades e atrasos para a conclusão dos seus estudos primários. Com dezesseis anos ingressou no curso ginásial. Até o ano de 1975, no Brasil, o ginásio constituía o estágio educacional que se seguia ao ensino primário e que antecedia o ensino colegial, que correspondia aos anos finais do atual ensino fundamental.

Desde menino, Paulo Freire descobriu uma de suas paixões: a palavra e o seu valor, seus segredos e mistérios. Na juventude dedicou-se aos estudos de filologia e filosofia da linguagem. Em 1943, ele ingressou na Faculdade de Direito do Recife. Paralelamente, estudou filosofia da linguagem e foi ser professor de Língua Portuguesa, para jovens do ensino médio.

Criador de um método de ensino inovador, onde a educação é encarada como ferramenta central para a transformação da sociedade. Freire era um dos maiores críticos daquilo que chamou de educação bancária, que via o professor como o dono do conhecimento e o aluno como mero receptor dos saberes do mestre. Para ensinar, segundo o educador, era preciso conhecer as experiências do aluno, bem como suas origens sociais e condições de vida. Dessa forma, levando em conta os conhecimentos prévios do aluno, o professor seria então, capaz de cativá-lo e apresentar uma série de mudanças práticas no dia a dia. Toda a educação proposta por Paulo Freire passava pelo diálogo e pela troca sem hierarquias: professor e aluno eram vistos como iguais.

Como outros verdadeiros líderes de ideias e de ações de seu tempo, ele não se limitava a criar métodos didáticos para o trabalho do educador. Ele propunha a formação de grupos e equipes de trabalho pedagógico, pautadas na participação popular de intelectuais, militantes,

---

<sup>3</sup> As referências utilizadas para abordarmos a trajetória de vida e formação de Paulo Freire, estão baseadas nos seguintes estudos: Beisiegel (2010), Brandão (2005), Freire (2003, 1996), Haddad (2019).

estudantes, sacerdotes e artistas, que resultaram no Movimento de Cultura Popular, no Recife. Dada a importância das equipes coordenadas por Paulo Freire no Nordeste, em todo esse processo, celebrou-se no Recife, em 1963, o Primeiro Encontro Nacional de Cultura Popular. Freire estava presente nos trabalhos pioneiros de uma alfabetização conscientizadora, a partir do método que ele criou, juntamente com outros educadores e outras educadoras da sua primeira equipe no Nordeste.

Depois de formado, praticamente não exerceu a profissão de advogado, a educação e a escola, sempre exerceram sobre ele um enorme fascínio. Em 1944, Paulo Freire se casou com Elza Maia Costa de Oliveira, professora com quem teve cinco filhos: Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes. As filhas seguiram a vocação dos pais, tornando-se professoras. Em várias passagens dos seus escritos de Freire, Elza é mencionada, demonstrando a sua importância e influência na construção das ideias pedagógicas de Freire. Viveram juntos quarenta e dois anos.

No início da década de 1960, foi nomeado professor de História e Filosofia da Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Recife. Em 1962, criou o Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife e foi nomeado seu primeiro diretor. No ano seguinte, quando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional criou os Conselhos Estaduais de Educação, ele foi indicado pelo então governador Miguel Arraes, como um dos conselheiros do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco.

No mesmo ano, o governador do Rio Grande do Norte, convidou Paulo Freire e sua equipe para aplicar o método de alfabetização recém-criado na pequena cidade de Angicos-RN, situada no interior do sertão nordestino. Nessa modesta localidade, ao redor de um primeiro *Círculo de Cultura*, eles viveram com entusiasmo uma experiência pioneira de alfabetização de trabalhadores rurais, jovens e adultos.

Ainda no ano de 1963, Paulo Freire, ao lado de outros educadores, conseguiram em apenas 40 horas, alfabetizar 300 adultos em Angicos. Os alunos eram todos trabalhadores dos canaviais locais. Entre 1960 e 1963, foram anos de uma intensa mobilização social no Brasil. No campo das artes e das ciências vivia-se uma atmosfera de vocação transformadora. As experiências de Freire e sua equipe em Angicos, bem como a organização do Plano Nacional de Alfabetização pelo governo João Goulart, não eram bem visto pelos setores retrógrados e conservadores da sociedade brasileira, entre eles, os militares que viriam a assumir o controle do país em março de 1964, após um golpe contra a democracia que inauguraria um longo período de mais de vinte anos de ditadura no país.

O debate sobre o voto do analfabeto voltou à tona nos meses que se seguiram ao golpe militar. Em um país que historicamente proibia o voto aos iletrados, o Programa Nacional de Alfabetização representava uma ameaça aos redutos políticos cativos nas eleições seguintes. Em Sergipe, por exemplo, o Programa permitiria crescer 80 mil eleitores aos 90 mil já existentes. Da mesma forma, em Recife, a iniciativa praticamente dobraria a quantidade de eleitores, elevando de 800 mil para 1,3 milhão o número de títulos. Projetados no cenário nacional, os exemplos demonstravam como o método do professor Paulo Freire, que propunha alfabetizar um iletrado em 40 horas, poderia alterar a correlação de forças políticas. Como o programa de alfabetização, a questão do voto dos analfabetos também estava em debate e exigia uma resposta do novo governo (HADDAD, 2019, p.15, 16).

Na edição de 30 de junho de 1964, o jornal O Estado de S. Paulo publicou um artigo de Antônio Bernardes de Oliveira, médico, professor acadêmico e membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que trazia o seguinte título: *O voto do analfabeto, um desserviço à Nação*.

O autor argumentava que tal possibilidade ‘só pode interessar ao demagogo e ao oportunista sem escrúpulos; não corresponde a nenhuma aspiração nacional; anula e avilta o voto consciencioso e de qualidade; compromete o regime; afasta as elites legítimas; reduz o papel dos partidos; convida ao suborno; nivela por baixo’. Sobre o método de Paulo Freire, em sua opinião adotado pelo governo deposto apenas para ampliar o colégio eleitoral, Bernardes de Oliveira dizia não passar de ‘uma manobra para alcançar dois escopos, uma intensiva propaganda comunista e a eclosão de uma invencível força eleitoral de índole facciosa onde a demagogia teria as portas abertas (HADDAD, 2019, p, 16).

Após as orientações impostas pelo Ato Institucional nº 1, de 9 de abril de 1964, imposto pelo novo regime, iniciou-se um cortejo de decretos e medidas governamentais que levariam à convocação de Paulo Freire a uma série de interrogatórios seguidos de um breve de prisão e o inevitável exílio político em outubro do mesmo ano.

As ideias e as propostas político-pedagógicas de Paulo Freire eram então bastante conhecidas. Ele era convidado a dialogar com educadores populares de norte a sul do Brasil. No interior de um amplo universo de trabalhos pedagógicos e políticos e de cultura popular, que em todo o país mobilizava artistas, estudantes, educadores, cientistas, religiosos e educadores, além de inúmeras lideranças populares, Paulo Freire se tornou em pouco tempo uma referência essencial. E foi justamente a ousadia de suas ideias e propostas que o levou ao exílio (BRANDÃO, 2005, p. 37).

No exílio, Freire conheceu e trabalhou em vários países da América Latina, Estados Unidos e Europa, assim como, em alguns países do continente africano. Aos 43 anos de idade, cinco filhos e toda uma carreira pela frente, mais do que nunca, cada uma de suas palavras e gestos continha um profundo sentido de resistência ao autoritarismo. Viajou sozinho para a Bolívia, “a família uniu-se a ele meses mais tarde. [...] De algum modo, Paulo e Elza sabiam que haveriam de viver longos anos longe do Brasil” (BRANDÃO, 2005, 68).

Ao final do seu tempo de trabalho como um educador exilado no Chile, ele se transferiu com a família para os Estados Unidos da América do Norte. Não seria o último país de acolhida e nem o último continente de sua peregrinação longe do Brasil. Ele já recebera o convite para ir trabalhar na Europa, mas viveu em Cambridge, no estado de Massachussets, pouco menos de um ano, ministrando aulas de pedagogia na conhecida Universidade de Harvard, e levando, a um país distante, as suas ideias sobre a educação e o seu novo alcance social. Meses depois, ele viajou com a família para a Europa e foi viver na cidade de Genebra, na Suíça, trabalhando no setor de educação do Conselho Mundial de Igrejas, uma instituição de confissões evangélicas que, entre outras atividades, protegia perseguidos políticos. Ora, essa longa experiência de estudos, de diálogos e de trabalhos abarcou todo o seu tempo de exílio, de 1969 até o seu retorno ao Brasil em 1980 (BRANDÃO, 2005, p. 71).

Somente em junho de 1980, ele retorna com a sua família do exílio, atendendo a um convite para ser docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Ele não voltaria para fixar residência na sua amada Recife, por razões profissionais, ele permaneceu na capital paulista. Como docente da Universidade Católica, Paulo foi nomeado também como professor da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, nessa instituição ele participou da fundação do Centro de Estudos em Educação e Sociedade — CEDES, em seguida participaria da criação do Conselho Latino-Americano de Educação de Adultos.

Em outubro de 1986, Elza, sua companheira de luta e esposa falecera. Freire viveria aí um período de luto e desalento. Em março de 1988, se casa pela segunda vez, com Ana Maria Araújo Hasche, eles se conheciam desde os tempos de juventude no Recife, ao longo de suas vidas, se encontraram muitas vezes, pois foram sempre muito amigos. No exercício da sua função como professor do Programa de Pós-graduação de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, ela fora sua aluna e orientanda na elaboração da sua dissertação de mestrado. Ao lado de Nita, como ele a chamou sempre, Paulo viveu até o seu falecimento em 2 de maio de 1997.

Freire manteve sempre uma profunda crença no poder transformador da educação. Defendia que as pessoas não estudassem apenas para conhecerem mais as coisas, mas que todos os dias estivessem aprendendo para saberem mais sobre si mesmas, sobre a vida e o mundo. Seu legado permanece vivo, pela força renovadora do seu pensamento e pelo exemplo das suas ações. Sua obra, sua vida, ficarão para sempre como um marco de esperança e sonhos possíveis para os oprimidos de todo o mundo. Reconhecido internacionalmente como um dos maiores educadores do século XX, ele foi a expressão do compromisso com a justiça social e a humanização. Um legado que se mantém vivo no trabalho de educadores, instituições e entidades de ações de inclusão social, espalhadas e executadas em todo o mundo.

### 3 A AMOROSIDADE EM CARTAS À CRISTINA

Em sua obra, *Cartas a Cristina*, encontramos um relato da relação parental, entre tio e sobrinha, que não se conheciam direito e por meio de cartas criaram um canal de afeto e diálogo. Esses textos, rememoram diversas fases e dimensões da vida do autor, sua infância em Pernambuco e sua trajetória escolar, seus amigos e dificuldades vividas, suas descobertas e suas relações familiares, seus afetos e relações com o mundo e a vida. Uma reflexão sobre a educação como prática cultural e política. O livro trata do amor ligado à Educação. Onde o autor descreve com profundidade e simplicidade, a transição da história do menino ao intelectual e educador. Na teoria freireana a relação entre estudante e professor está assentada na amorosidade. É regida pelo diálogo aberto, se fazendo valer da empatia recíproca para despertar no outro a vontade de ser mais. Ela instiga a troca de saberes oriundos das vivências de cada sujeito, assim, cada indivíduo contribui com o seu saber empírico, influenciado pela sua cultura, seu meio social, e traz para o diálogo reflexivo e crítico a sua subjetividade, podendo aí, existir uma identificação com o outro, reforçando a relação de ambos, norteadas por vínculos afetivos.

Em 18 cartas, Freire rememora sobre o seu percurso de vida como criança, jovem e educador. A primeira Carta, tematiza o enfrentamento da fome na sua infância. Lembrando que desde cedo, “já pensava que o mundo teria de ser mudado” (FREIRE, 2015, p. 41), um relato sobre a sua infância, em meio as travessuras e dificuldades vividas, conta numa narrativa clara, como um menino simples conseguia experimentar a vida com sabedoria e esperteza. Sem imaginar nessa sua fase, que logo se tornaria um homem adulto, sério, culto e renomado educador, influenciador de novas histórias e de bons profissionais da educação. Nota-se que, Paulo Freire apenas se tornou quem se tornou porque viveu episódios como os que ele mesmo conta em *Cartas a Cristina*.

A segunda carta descreve sobre a sua relação com seu pai e outros familiares. Na terceira carta, sob título “As almas penadas falando manhosamente e o relógio grande da sala na qual nasci”, ele descreve o medo que tinha dos mortos, ou seja, das almas, ao se deitar pra dormir, e como foi criando coragem para perder esse medo. Descrevendo sobre o medo que tinha das almas do outro mundo ao dormir e sobre como foi se fortalecendo para criar coragem, contra as histórias de assombrações. A partir da busca pelas razões e motivos do seu medo, para ele, havia sido o início da sua formação crítica, para que ele mesmo, depois, pudesse descobrir a sua relação com o mundo.

Na quarta carta, fala sobre a triste e traumática mudança para a cidade de Jaboatão; na quinta aborda a sua indignação contra a pobreza; na sexta relembra suas experiências como



aluno no Colégio Oswaldo Cruz, do Recife. Onde mantinha bons laços com seus professores e amigos. Na sétima carta, retrata ainda, sobre a sua morada em Jaboatão, e na oitava, reflete sobre seus sonhos rompidos, seguida da nona carta, na qual ele discorre sobre a morte do seu pai.

A décima carta, trata sobre a volta ao Recife, onde demonstra as lembranças dos tempos de alegria em estudar, em ir para a escola, quando tinha aulas com a professora Eunice. Lembra sobre como ela o estimulava ao querer aprender cada vez mais, e conhecer além da educação escolar, período decisivo na sua formação como educador. O despertar para a sua formação crítica, onde a escola é percebida como um ambiente de conhecimento autêntico e democrático, e não de repetição e alienação.

Em sua décima primeira carta, fala sobre de suas experiências como docente no SESI – (Serviço Social da Indústria), na décima segunda, conta sobre suas experiências no MCP – (Movimento de Cultura Popular), e no município de Angicos – RN, encerrando com a décima terceira carta, a primeira parte do texto, para informar à Cristina, que o teor das suas cartas seguintes abordarão menos sobre o Freire menino, o Freire jovem e o Freire adulto, para se dedicar mais à reflexões sobre a sua prática como educador e pensador.

Na décima quarta carta, que abre a segunda parte do livro, ele reflete sobre a relação entre educação e política, evidenciando a necessidade de um modelo de ensino voltado à construção de uma democracia em nossa sociedade, afirmando que a escola precisa ser um laboratório de cidadania, destacando que essa luta não faz sentido, se ocorrer em práticas escolares desvinculadas das experiências sociais vividas por homens, mulheres e crianças no mundo.

A décima quarta carta, comenta como nas mais diversas instâncias da vida social a educação está presente exercendo a função de moldar os sujeitos, na décima quinta, Freire especula sobre as possibilidades do educador como poeta e criador. Na décima sexta, discute a importância social do professor, em estabelecer com seus alunos e suas famílias, interações e diálogos que lhes permitam conhecer melhor quem são seus alunos e o que esperam da escola. Analisa as demandas que recaem sobre os professores cotidianamente, como elementos que dificultam a reflexão sobre essa interação e o estabelecimento de práticas mais sistematizadas e enriquecedoras nessa direção.

A educação para Freire, não pode ser entendida como privilégio de um grupo seletivo, muito menos a escola, como uma instituição que deva ser legitimada como um território de reprodução da ordem social. Pelo contrário, para ele, a democratização da escola, implica num caminho onde a sociedade poderá descobrir a educação como um direito e uma trilha de acesso

à cidadania, fundamentada no reconhecimento das diferenças e na participação dos mais diversos sujeitos no combate às desigualdades.

A décima sétima carta, fala sobre sonhos, e em seguida na décima oitava, nos mostra que o professor precisa refletir a sua prática, fazer uma autocrítica. Sem uma definição clara do seu papel, não estará em condições de educar, dado que o aluno capta isso com muita facilidade e explora essa fragilidade. De acordo com Freire, o que importa na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança. Não basta alfabetizar, é preciso ensinar aos alunos a compreender sobre os usos e processo da escrita e da leitura de presentes na sociedade. E para ensinar esse processo, a escola e a família devem trabalhar em conjunto. O desenvolvimento da personalidade das crianças não depende só do método disciplinar ou educativo, mas depende também da influência dos pais, da ligação entre ambos.

Brayner (2013) destaca alguns processos sociais deste período como mobilizadores de atitudes compromissadas com a conscientização dos setores excluídos da sociedade, repleto de intencionalidade política. Dentre eles, podemos ressaltar o fortalecimento dos movimentos sociais de esquerda, devido a permanente exclusão do meio rural e a constante exploração do trabalhador, bem como a influência da participação do movimento estudantil progressista nos Círculos de Cultura e nos Movimentos de Cultura Popular de Recife, do qual Freire também fazia parte.

O conceito de amorosidade presente na obra de Paulo Freire possui forte influência do Cristianismo, mais precisamente da Teologia da Libertação. Esta teologia encontra-se vinculada ao sentimento de amor humanitário e o compromisso com as classes empobrecidas, propondo o engajamento político dos cristãos na construção de uma sociedade justa e solidária.

Conforme Andreola (2000), a defesa de Freire não se inspira num sentimentalismo vago, mas na radicalidade de uma exigência ética. Não se trata, portanto, de um amor romantizado, permissivo, sufocante. Ao contrário, este amor liberta, sem ser dominador, constituindo se como compromisso entre os seres humanos.

A educação é entendida como parte fundamental para a libertação. É através dela, que temos a oportunidade de desenvolver nosso intelecto e compreender melhor o mundo, percebendo nós mesmos e o outros, nos tornando sujeitos autônomos e emancipados. A libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca, pelo reconhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela (ZATTI, 2007).

O educador, na concepção tradicional de educação, age na forma de transmitir saberes, como se isso fosse possível. Nessa linha de pensamento, ensina-se a escrever uma palavra, por

exemplo, através do uso da gramática, aprende-se a escrevê-la, separar as sílabas, a identificar as consoantes e as vogais, mas não se discute o significado da palavra na vida das pessoas, percebe-se um ensino limitado. Os educandos apenas armazenam essas informações, não refletem, não criticam, não pensam no contexto social de cada termo, enfim, não compreendem o mundo em que vivem. Entende-se aqui, que quando o ensino é trazido para o dia-a-dia do indivíduo e problematizado conforme a realidade, se torna muito mais pleno de sentido, na compreensão dos conceitos e do significado dessas informações, pois elas deixam de ser apenas palavras soltas, para constituírem formas e sentidos.

A amorosidade deve buscar refletir a inteligência, a razão, a corporeidade, a ética e a política, em âmbito individual e coletivo, destacando as emoções, os sentimentos, as escolhas, a curiosidade, a criatividade, a intuição, a boniteza da vida, do mundo e do conhecimento. Reafirmando que as emoções são fatores básicos da vida humana e da educação (ANDREOLA, 2000, p.13).

#### **4 UMA CONVERSA COM EDUCADORAS DE JOVENS E ADULTOS**

Entrevistei cinco professoras da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do município de São Francisco do Conde, com o objetivo de analisar as impressões dessas docentes, no que tange ao tema da amorosidade na pedagogia proposta por Paulo Freire. A EJA é uma modalidade de ensino que visa garantir o direito à educação para aqueles que foram excluídos dos bancos escolares ou que não tiveram oportunidade de acessá-los.

Para Joana, pedagoga e gestora de anos iniciais da educação de jovens e adultos, o tema da amorosidade na pedagógica de Paulo Freire, “é uma contribuição para o aprimoramento e a qualificação das práticas formativas, onde a empatia e a afetuosidade ocupam um papel crucial no processo de aprendizagem do ser humano, pois está presente nas relações interpessoais, influenciando profundamente o desenvolvimento cognitivo”.

Adriana, outra professora entrevistada, destaca que “Paulo Freire afirmava que não se pode falar em educação sem amor. A empatia e a afetividade estão intimamente ligadas com a prática educativa, quando falamos em amor, devemos ampliar o sentido da palavra, para o conjunto de sentimentos e ações em toda e qualquer relação social”. Para essa educadora, o fato de Freire desejar transformar o mundo por intermédio da educação, é porque ele reconhece na prática educativa um profundo do humano. Por isso, “no ambiente educacional o amor deve ser o cartão postal”.

A Educadora Joana, entende que a amorosidade é a “mola mestra que todo ser humano necessita para sua sobrevivência”, para ela, a relação estabelecida entre o professor e o aluno requer a presença do respeito e do afeto, “a escola precisa ser um ambiente que favoreça a afetividade em especial na turma da EJA”, uma vez que, “o aluno de EJA requer uma atenção maior, pois, são pessoas que muitas vezes não tiveram a oportunidade de estudar na idade certa”, e que precisam viver experiências positivas e acolhedoras na escola, para se manterem nela.

Já a professora Adriana, destaca que “Paulo Freire estimulou a luta pela liberdade, na busca pelo sonho e a emancipação humana. Problematicizou questões sociais que evidenciam a relação entre opressor e oprimido, enfatizando que o ato de ensinar é ato de coragem e amor”, pois é nessa relação de ensino e aprendizagem que os envolvidos podem vislumbrar o mundo com um olhar crítico, é nessa relação que nascem sonhos, projetos de vida, libertação, crescimento pessoal, autonomia, sentimento de vida e existência, carinho, gratidão e respeito.

Para as profissionais entrevistadas, a amorosidade é algo de suma importância, para a relação entre professor(a) e aluno(a). Numa relação afetiva, ao contrário do que pensa o senso comum, não é simplesmente dizer sempre “sim”. O educador ou educadora deve ser alguém que exerça autoridade sobre seu aluno e não autoritarismo, o que equivale, as vezes também, dizer “não” quando for preciso, pois, isso também é ser amoroso e contribui para a formação do outro.

A amorosidade é demonstrada nas relações interpessoais, mas depende da reciprocidade e do respeito às diferentes histórias e percursos de vida, desde o momento em que o(a) professor(a) planeja a aula até o momento da sua realização. É de grande relevância incluir todo o grupo nas mais diversas etapas e momentos do processo de ensino e aprendizagem. Tal cuidado, requer a percepção e o reconhecimento da importância da participação ativa de todos nas atividades desenvolvidas, promovendo a construção de vínculos de confiança e valorização, que fazem fluir o trabalho e incrementar as relações interpessoais na sala de aula.

Segundo os relatos das professoras entrevistadas, a sala de aula não é um espaço apenas de teorias, mas acima de tudo, da valorização da troca das experiências humanas. Para a pedagoga Andressa, “a amorosidade se faz presente quando assumimos a responsabilidade pela causa dos alunos, que é o aprender a ler e escrever para entender o mundo ao seu redor por meio dos vários portadores textuais”. Salienta ainda, que a educação pode promover a questão da Amorosidade nas relações interpessoais, a partir do convívio diário, com respeito às diferenças e aos diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno.

A professora Valéria, enfatiza que “a escola pode se transformar num lugar de acolhimento e diálogo, por meio da escuta e da valorização dos conhecimentos que nossos educandos trazem, eles são dotados de diversos saberes e é através do diálogo que colhemos esses conhecimentos e juntos fazemos uma troca”. Nesse sentido, a escola pode se transformar em um espaço de aprendizagem e cidadania, ela deve ter o compromisso com a formação política e cidadã de cada aluno, desenvolvendo o pensamento reflexivo, respeitando as diversidades, e preparando os nossos educandos(a) para serem mais autônomos.

Para Andressa, tanto a escola como outras instâncias e instituições da vida social, podem ser espaços de aprendizagem e de diálogo, neles “devem prevalecer o amor, a humildade e a fé no ser humano”. Para tanto, a escola deve ser o lugar da formação do pensamento crítico, sobre as nossas experiências sociais, uma formação integral do cidadão fortalece o compromisso para o desenvolvimento das pessoas e da compreensão das suas condições de vida.

O fortalecimento dos laços afetivos promove mais segurança aos educandos(a) para aprender e ao educador(a) para ensinar, e nessa troca acontecem aprendizagens incríveis e apaixonantes. É justamente a paixão de ensinar que desperta a paixão por conhecer, fortalecendo assim, os laços afetivos e humanos. Na modalidade de educação de jovens e adultos, o trabalho é de resgate, de casa em casa, pelos meios de comunicação, é um trabalho diário. É de fundamental importância que na escola exista um ambiente de afetividade que colabore e facilite a aprendizagem e também os relacionamentos interpessoais, pois a qualidade da educação depende de um esforço que exige uma relação empatia entre todos os agentes envolvidos.

Para a Professora Edna, outra das nossas docentes entrevistadas, ela entende que na perspectiva pedagógica de Paulo Freire, “para educar é preciso reconhecer o outro como sujeito e não objeto. É necessário que o(a) professor(a) admita que não se sabe tudo, e quando este(a) admite essa condição, há ali uma oportunidade de aprender”. A mesma destaca que o(a) professor(a) “não deve nunca se esquecer de ser sempre aluno”, ensinando e aprendendo num processo dialógico de constante crescimento e aprendizado com os diferentes percursos e experiências dos(as) alunos(as). Deste modo, a amorosidade se apresenta como fator determinante no processo educativo e não autoritário, assim fica mais fácil para os estudantes despertarem para o mundo, descobrindo sua verdadeira vocação.

Segundo Edna, o(a) professor(a) “não precisa abrir mão da rigurosidade para ter amorosidade. Pois, não é possível aprender quando se sente medo, quando não ocorre uma troca afetiva e respeitosa no processo de ensino-aprendizagem” para estimular uma horizontalidade entre eles. A liberdade é algo essencial ao desenvolvimento do ser humano, pois segundo ela:

“uma educação engessada” inibe a criatividade e conseqüentemente limita o saber, a curiosidade e a inquietude.

Portanto, educar com amorosidade é proporcionar condições de ensino e aprendizagem, por meio das quais, estudantes possam ter acesso ao conhecimento, de modo, a serem livres para descobrirem a verdadeira vocação, se tornarem seres livres para criar, para escolher, para participar efetivamente da sua condição de cidadãos, conhecendo e assumindo seu papel no mundo, com vistas a desenvolver suas potencialidades. Enquanto sujeitos, todos(as) nos mais diferentes contextos devem estar envolvidos, sobretudo se o ensino for articulado com às práticas cotidianas, com a criação de um comprometimento do(a) aluno(a) com a comunidade à qual pertence. Nessa práxis da amorosidade, nessa troca de afetividade e de saber, todos se desenvolvem e realizam mais e melhor suas potências. Quem ensina sempre aprende e quem aprende sempre ensina.

Através do presente estudo, nota-se que o todos podem contribuir para o funcionamento de uma escola participativa e democrática, que estimule a participação e o envolvimento, tanto dos profissionais da educação, quanto dos(as) alunos(as) e a comunidade em geral, na tomada de decisões e no funcionamento da comunidade escolar, fortalecendo o compromisso de cada um com a escola, com a finalidade de alcançar os objetivos com a maior eficácia possível, através da divisão de autoridade e responsabilidade para um ensino de qualidade, onde ocorra uma gestão com a participação de todos.

Numa gestão democrática, a visão que deve prevalecer é a do coletivo, onde todos unidos, consigam produzir resultados positivos em atuações que possibilitem o crescimento do aluno, sem traumas ou riscos de exclusão, permitindo que todos desenvolva suas capacidades e conquistem seu espaço por merecimento e por plena consciência de que sua atuação tem que estar equilibrada com os valores inerentes à cidadania. A parceria entre escola e comunidade é fundamental para que se qualifique os processos de aprendizagens e o desenvolvimento de todos os membros do coletivo escolar, uma vez que, entendo que o processo de aprendizagem não está circunscrito a conteúdos escolares.

## **5 CONSIDERAÇÃO FINAIS**

O presente estudo nos faz refletir acerca da amorosidade como elemento fundamental no complexo processo de ensino e aprendizagem, influenciando diretamente no

desenvolvimento cognitivo e nas relações interpessoais, repercutindo na autoestima e no comportamento social e humano de cada membro da comunidade escolar.

A obra *Cartas a Cristina* fala de educação, democracia e liberdade. Pode ser estudada desde o aspecto individual, no olhar para si, até uma análise mais ampla, onde a cultura, o meio ambiente e a vida em sociedade são fatores determinantes. Após a discussão, reiteramos a necessidade de mais estudos que legitimem essa discussão no campo educacional, para que cada vez mais se afirme uma cultura democrática e popular na escola, com ênfase na necessidade de um olhar mais acurado e atento para a necessidade do respeito à diversidade e o combate a todo tipo de exclusão.

O presente estudo, aponta que a amorosidade proposta por Paulo Freire, nos provoca para o desenvolvimento de processo de aprendizagem dialógico, encharcando a razão de emoção, buscando a emancipação do ser e sua liberdade, por meio de uma escola mais humana e cidadã.

De acordo com os relatos apresentados neste trabalho, concluímos que educar com amorosidade é proporcionar condições de ensino-aprendizagem mais qualificadas, de modo a se tornarem mais livres para criar, escolher e participar mais efetivamente da vida escolar, como um laboratório de cidadania, numa escola mais bonita e mais feliz.

## REFERÊNCIAS

ANDREOLA, B. A. (2000). **Carta-prefácio a Paulo Freire**. In: FREIRE, P. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP.

BEISIEGEL, Celso de Rui. (2010). **Paulo Freire** – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (2005). **Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia**. São Paulo: Mercado Cultural.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, volume: 1 e 2.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Lei 9.394/1996. (1996). **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: DOU, 23 de dezembro.

BRAYNER, F. **O elixir da redenção: o movimento de cultura popular do Recife (1960-1964)**. In: STRECK, D.R.; ESTEBAN, M.T. (Org.). (2013). Educação popular: lugar de construção social coletiva. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

FREIRE, Paulo. (2003). **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. São Paulo: Editora UNESP.

FREIRE, Paulo. (1996). **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra.

HADDAD, Sérgio. (2019). **O educador: um perfil de Paulo Freire**. São Paulo: Todavia.

MATURANA, H. (2002). **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG.

MATURANA, H.; VARELA, F. (1995). **A Árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas – SP: Editorial Psy II.

MAY, R. **Eros e repressão: amor e vontade**. (1973). Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes.

MORIN, E. (1979). **O enigma do homem, para uma nova antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar. 1979.

NASCIMENTO, L. R.; PRATTI, R. C. B. (2011). **Pedagogia da afetividade no processo de ensino aprendizagem** [monografia]. Serra: Escola de Ensino Superior Anísio Teixeira.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e educação em Immanuel Kant & Paulo Freire**. (2007). (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre.